



## O Reflexo Social nos Personagens do Hipercinema<sup>1</sup>

Kleriston Christy Vital SANTOS<sup>2</sup>

Nathan Nascimento CIRINO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

### Resumo

Desde o início o cinema se utiliza de tecnologias para sua ampliação. Assim como ele se modifica, os expectadores também o fazem, o que nos leva ao surgimento atual de um novo tipo de cinema chamado de hipercinema. Diante disto, neste artigo analisa-se o papel da personagem do hipercinema, tendo por base Lipovetsky e Serroy, elencando suas características e sua importância na identificação com o público, além da representação social da mulher nos filmes escolhidos: *Crepúsculo dos Deuses* e o *Diabo Veste Prada*, observando o comportamento de suas personagens enquanto reflexos da sociedade de suas respectivas épocas.

**Palavras-chave:** Cinema; Hipercinema; Personagem; Público.

### Introdução

O cinema é uma arte inovadora. Desde sua criação ele se baseia na ampliação tecnológica. Historicamente podemos reconhecer estes momentos, como por exemplo, a passagem do cinema mudo para o sonoro, o surgimento do cinema em cores ocupando o espaço que antes fora destinado ao preto e branco, a criação de efeitos especiais, entre outros acontecimentos que só demonstram quão facilmente o cinema se desenvolve e se utiliza das novas tecnologias. Segundo Lipovetsky e Serroy (2009, p. 50): “O cinema sempre foi uma arte que convocou os recursos múltiplos da técnica, mas um novo patamar foi, sem dúvida nenhuma, franqueado com o desenvolvimento das altas tecnologias”.

Dentre os centros cinematográficos existentes no mundo que sabem valer-se das inovações tecnológicas, Hollywood é um referencial, principalmente quando se trata de cinema 3D. Sua forma de produção industrial atinge várias localidades e por assim dizer um público diverso. O cinema evolui constantemente, aproveitando-se dos avanços tecnológicos como um meio de atingir um público que naturalmente se moderniza, um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Autor. Graduando em Arte e Mídia – UFCG, e-mail: tonvital@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Arte e Mídia – UFCG e Doutorando pela UFPE. email: nathancirino@yahoo.com.br



público que possui o desejo de ter ao seu redor novidades, novas possibilidades de suportes<sup>4</sup> de visualização de filmes, novos meios interativos entre outras inovações.

Segundo alguns autores, vivemos em uma época de transição: já passamos da modernidade e nos encontramos na hipermodernidade, “É forçoso observar que o cinema, do mesmo modo que a sociedade global, entrou num novo ciclo de modernidade, uma segunda modernidade que chamamos aqui de hipermoderna” (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 48).

Assim como o cinema evolui seu público também o faz, formando o hiperconsumidor, que procura obter novas sensações, em um excesso tanto nas informações quanto na imagem. Existem, por exemplo, novos temas tratados. Certos tabus que no cinema tradicional não ganhavam espaço, como sexo, drogas e violência agora são claramente trabalhados em cena. Além disto, a complexificação da narrativa, a quebra da linearidade e o aparecimento de personagens atípicos consolidam esse novo cinema.

Os personagens singulares são postos em cena cada vez mais fortemente, muitas vezes devido às próprias modificações sociais ocorridas em certo momento histórico, servindo como um reflexo da sociedade contemporânea e da autoafirmação de um grupo. Diante disto é interessante observar a partir de determinados filmes como eles refletem a sociedade atual e os novos papéis sociais atribuídos a determinado grupo.

## **O Hiper cinema**

Vivemos hoje em uma sociedade conhecida como a da informação, na qual as pessoas procuram as novidades e não só isso, mas um maior nível de interatividade, recriando uma vida mais acelerada. Esta sede do consumo e as modificações sociais ocorridas nas últimas décadas só reafirmam os avanços no cinema, desembocando na linguagem do hiper cinema.

Uma nova sociedade floresceu não só com novos dilemas, mas com uma modificação no comportamento social. O individualismo tão valorizado na atualidade resulta em novos métodos de visualização cinematográfica. O que antes era para um grupo extenso de pessoas hoje pode ser apenas para uma. Na hipermodernidade, ou no contemporâneo, tudo é exagerado, o excesso de informações esta presente em muitos veículos de comunicação e inclusive no cinema. Estas modificações sociais são

---

<sup>4</sup>Tablets, Players portáteis, MP4 etc.



claramente expostas no hiper cinema, este desejo de viver com mais intensidade se reverte nele. Segundo Lipovetsky e Serroy (2009, p. 49):

A sociedade hipermoderna é aquela em que as forças de oposição à democrática, individualista e mercantil não são mais estruturantes e, com isso, é lançada a uma espiral hiperbólica, a uma escalada paroxística nas esferas mais diversas da tecnologia, da vida econômica, social e mesmo individual. Tecnologias genéticas, digitalização, ciberespaço, fluxos financeiros, megalópoles, mas também pornografia, condutas de risco, esportes radicais, performances, *happenings*, obesidade, dependência de drogas: tudo aumenta. Tudo se extremiza e se torna vertiginoso, “sem limite”

As novas tecnologias permitiram ao hiper cinema possibilidades antigamente impossíveis, como a criação de personagens através da computação gráfica, ambientes imaginários, e inúmeras outras possibilidades criativas. “O senhor dos anéis” e os filmes de “Harry Potter”, são exemplos destas possibilidades, personagens únicos são criados em uma realidade inexistente.

As inovações não se restringem somente ao que é apresentado, mas também a forma de sua apresentação, novos suportes são criados. Hoje o cinema não se reduz somente às telas dos cinemas, mas novos suportes são encontrados e valorizados, tem-se a oportunidade de assistir cinema em celulares, tablets, player de arquivos digitais, computador, dentre muitas outras possibilidades.

Além destes novos suportes, o cinema modifica os temas e formas de suas histórias, se utiliza com grande intensidade das cores, dos ritmos e das velocidades para fazer seu público sentir um alto nível de emoção. “O espectador de cinema queria sonhar, o hiperconsumidor do mundo novo quer sentir, ser surpreendido, quer ‘adrenalina’, experimentar novas emoções-choques sem parar” (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 66). O cinema cada vez mais exagera em relação às imagens e os temas tratados, além disto há uma dessimplificação das personagens juntamente com a complexificação das formas de apresentação das narrativas.

O hiper cinema pode ser dividido em três conceitos fundamentais que são:

- **Imagem-excesso:** Como o próprio nome deste conceito diz, excesso, na coloração, nos sons, nos efeitos visuais, na lentidão e na velocidade dos planos, os filmes ficam cada vez mais longos, a ultraviolência é utilizada, o abuso dos vícios, de personagens em extremo, do sexo mostrado claramente, a utilização do 3D, tudo isto em uma procura de um cine-sensações.



- **Imagem-distância:** Utilização de continuações e sequências, até mesmo da pré-sequência que apresenta os fatos anteriores à história original, além da repetição, muitas vezes com continuação tardia, *remakes*, paródias e a utilização do cinema como referência para ele próprio.
- **Imagem-multiplex:** Neste conceito existe a quebra da narrativa que os autores chamam de “simplex”, os filmes não precisam ser mais lineares, podem ter fragmentação na tela e utilizar com maior frequência personagens atípicos, contendo uma multiplicação das idades, podendo tratar mais claramente de minorias multisex e sobre a identidade sexual do homem e da mulher.

### **Personagens na Imagem-Multiplex**

Como já dito anteriormente, na Imagem-Multiplex existe uma recorrência de personagens atípicos, muitos deles como um próprio reflexo da sociedade em que vivemos. Cada vez mais grupos específicos da sociedade são trabalhados no cinema, atendendo tanto a várias idades quanto a nichos antes vistos com um olhar excludente, “Nesse contexto, as condutas mais ‘anormais’ não são vistas como extraordinárias... Pois todos são ao mesmo tempo complexos e singulares [...]” (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 103).

Diversos tipos de personagens são representados na narrativa multiplex, o foco em nichos possibilita uma identificação interessante entre público e personagem. São filmes feitos para um público alvo determinado, as diferentes idades representadas no écran são um exemplo disto.

Na narrativa simplex era comum que os personagens estivessem dentro de uma idade base determinada, que não era nem muito jovem e nem velha, em contraste, no multiplex vemos que existe uma diversidade maior de idades, e não somente isto, mas os problemas destas idades são expostos cada vez mais profundamente. Sendo assim, “Não é mais pelo homem e pela mulher ‘médios’ que nos interessamos, mas pelo ser singular, cuja primeira singularidade é a de sua idade, em todas as idades” (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 105).

Além da diversidade de idades, outros papéis surgem para os homens e para as mulheres no hipercinema. As mulheres são cada vez mais representadas ocupando papéis normalmente masculinizados, executivas e poderosas, seus novos problemas surgem claramente e discussões tradicionalmente masculinas entram em voga entre



mulheres, como sexo, dinheiro, trabalho, entre outros temas antes não discutidos. Kill Bill (2003/2004) é exemplo desta “nova” mulher que assume um papel diferente, procurando por vingança de um modo sanguinário, quebrando o padrão de gentileza e doçura que geralmente são caracterizados como da conduta feminina. Os homens também aparecem diferentes, mais frágeis e sensíveis, tendo também seus problemas expostos mais abertamente.

Nas personagens do hipercinema também existe a presença do estereótipo, contudo diferente do simplex, uma refeminização e uma remasculinização são representadas, é comum ver homens super viris na tela, assim como mulheres super femininas, estes personagens são representados em excesso, aspecto tão característico do hipercinema. Temos, por exemplo, o caso da personagem da Rebecca Bloomwood, no filme “Os Delírios de Consumo de Becky Bloom” (2009), que embora seja muito feminina e compre descontroladamente não perde a capacidade de ter uma ótima escrita e se tornar uma mulher de sucesso.

Personagens que anteriormente não estariam na tela surgem com suas próprias especificidades, feios, deficientes, gordos e extremamente magros, são trazidos à tona, além claro dos nichos multisex que são discutidos tendo em vista a homossexualidade, descoberta sexual, a prostituição etc.

### **Personagens e Sociedade**

A literatura na antiguidade sempre serviu como uma forma de representar a realidade existente, segundo Goldmann “A literatura é uma forma fictícia e verossímil de representar, através de seus personagens, a sociedade em questão, ora saciando os desejos implícitos do ser humano, ora criticando as formas de pensar / agir da sociedade” (GOLDMANN apud MOURA, 2011, p. 1), assim como na literatura o cinema traz à tona uma gama de personagens que não são nada mais do que o próprio reflexo da sociedade em que vivem.

Quando se observa uma personagem encontramos nele a identificação de uma época e das mudanças sociais de uma geração. O homem da década de vinte age diferente dos da década de 60 e assim por diante. Os filmes produzidos durante a guerra são exemplos destes momentos: a insegurança, os medos e as autoafirmações são expressos nas personagens. O filme *Avatar* (2009) pode ser aqui mencionado, pois vivemos em uma época de grande incentivo e apelo para a proteção do meio-ambiente.



Neste filme existe o claro desejo de uma reflexão sobre sustentabilidade por meio da população.

Os personagens por mais diferentes que sejam são um reflexo do mundo em que vivemos. Quando um roteirista escreve uma personagem ele tem por base suas próprias vivências, “Nenhum autor escreve um trabalho de ficção sem lembrar de suas próprias experiências de vida” (REY, 1997, p. 31). Sendo assim, as personagens que vemos no cinema não são nada mais do que uma representação da nossa realidade, contudo de uma forma mais intensa. Segundo Triana (2010, p. 3) “O cinema faz um recorte na realidade, problematiza e dramatiza o cotidiano comum ao espectador, revelando os gestos sutis e as particularidades do meio que nos envolve”.

O cinema potencializa a visibilidade de características particulares das personagens, tornando-as mais evidentes quanto à sua essência. Segundo Morin (1997, p. 115) “O cinematógrafo dispõe do *encanto da imagem*, ou seja, renova ou exalta a visão das coisas banais e quotidianas”, sendo assim, por meio da imagem do cinema, fatos que nos seriam corriqueiros e pessoas que poderiam passar despercebidas conseguem expor sua singularidade por meio do filme.

### **Diabo Veste Prada e Crepúsculo dos Deuses**

As personagens possuem um grande papel de influência sobre o público que as observam, elas servem muitas vezes para realizarmos uma reflexão da nossa própria condição social e também como seres humanos, segundo Seger (2006, p. 211):

Elas podem servir como inspiração, motivar nosso comportamento, nos ajudar a entender melhor os outros e a nós mesmos, a desenvolver uma compreensão mais profunda da natureza humana, e até servir como modelo, levando-nos a tomar certas decisões.

Diante disto, podemos observar em dois filmes de épocas distintas, *O Diabo Veste Prada* (2006) e *Crepúsculo dos Deuses* (1950), o comportamento diverso de duas personagens, quanto às suas similaridades e divergências.

Em *Crepúsculo dos Deuses*, vemos Norma Desmond, ela foi uma estrela do cinema mudo, perdendo sua fama com a chegada do cinema sonoro. Contudo, mesmo após vinte anos de sua derrocada não conseguiu superar o seu distanciamento do cinema, retomando o desejo de estrelato com o aparecimento de Joe Gillis, roteirista, que lhe permite novas possibilidades tanto em relação à sua profissão quanto à sua vida sentimental.



No filme *O Diabo Veste Prada*, Miranda Priestly, editora chefe da revista *Runaway*, por sua forma de conduta e tratamento, demonstra o poder que possui, e o seu papel de destaque na revista em que trabalha. Miranda é respeitada por todos que lhe rodeiam, ela é uma referência para o mundo da moda.

Ambas as personagens representam o papel feminino na sociedade, contudo em épocas distintas, concebendo a sociedade em que vivem e seus respectivos problemas, embora possuam questões semelhantes, há divergências. Enquanto Norma Desmond tenta superar suas dificuldades de uma forma dita mais “feminina”, vemos Miranda em um formato mais “masculinizado” diante dos acontecimentos da história, as pessoas não a respeitam só pelo seu trabalho, mas porque a temem.

Quando Norma conhece Joe Gillis encontra a possibilidade de retomada de sua carreira, antes tão esperada, necessitando da ajuda dele como roteirista e como homem. Somente quando o teve ao seu lado, buscou se reerguer, porém quando ele quer sair de sua vida ela tenta se suicidar. Ela é mais dependente de um homem, somente se estabiliza quando tem Gillis novamente ao seu lado. Miranda passa por esta mesma situação, contudo, embora ela sinta o peso de ser abandonada, volta a sua vida normal, se preocupando principalmente com as suas filhas. Mesmo diante deste problema, ela demonstra a importância do trabalho em sua vida, e não somente isto, mas a nova mulher que põe muitas vezes o trabalho em primeiro plano.

Em ambas as histórias o tema idade é posto em questão, Norma vê a idade como um empecilho em sua volta ao estrelato. A juventude que antes fora um símbolo de poder e narcisismo, hoje não está mais tão presente diante da força feminina. Miranda passa por algo similar, mas a idade não pesa enquanto aspecto físico, mas sim profissional, tendo em vista que este é o motivo de sua demissão. Embora isto seja um peso para muitas mulheres, ela consegue superar este obstáculo e não ser demitida.

Enquanto Norma possui um poder muito mais feminilizado, em relação a sua forma de conduta diante das situações que se apresentam, vemos que Miranda trata de forma mais dura e menos gentil as pessoas que lhe rodeiam, a competência profissional e a importância do emprego são expressas. Andréa, personagem do filme *O Diabo Veste Prada*, é valorizada e somente respeitada quando demonstra sua confiabilidade, surpreendendo Miranda, tornando-se a secretária número um.

Como bem expresso no hiper cinema, mais especificamente na imagem excessiva, vemos um comportamento excessivo de Miranda em relação tanto ao trabalho quanto à forma de tratamento de seus funcionários.





Miranda coloca o sucesso profissional em primeiro lugar, assim como passa isto para suas funcionárias, levando-as a acreditar que aquele seria o emprego dos sonhos, e que este é o comportamento adequado de uma profissional, como a personagem Andréia Sachs diz no filme “se ela fosse um homem todos diriam que ela é ótima no que faz” (THE DEVIL WEARS PRADA, 2006).

Miranda é uma mulher rígida que vive questões como o casamento e cuidar de filhos, mas não deixa de lado o seu trabalho e sua forma de visão profissional, representando a mulher atual e as personagens do hipercinema. Miranda não restringe seu ponto de vista somente a si mesma, mas também aos seus funcionários. É o que acontece com Andréia, ela se modifica tanto fisicamente quanto psicologicamente, devido às exigências do seu emprego, como é representado no filme, a vida profissional bem sucedida acontece às custas do fracasso na vida particular.

No filme *Crepúsculo dos Deuses* o ambiente em que se desenvolve a história é a casa de Norma, lugar em que o personagem nos apresenta mais de si mesma. Em contraste vemos o escritório de Miranda como uma extensão dela mesma, é lá onde desempenha seu papel mais eficazmente, sendo representado seu lar somente em momentos no qual questões pessoais são apresentadas, como a questão do divórcio.

Em relação ao figurino de ambas personagens, podemos ver que embora sejam femininos eles se distinguem em caráter de representação das personagens, enquanto Norma possui vestidos longos e luxuosos que caracterizam seu padrão social e poder financeiro, vemos Miranda utilizando roupas também femininas e atualizadas, contudo seguindo a moda de sua época. É interessante observar que mesmo sendo uma mulher dura e muitas vezes tratando as pessoas com indiferença, não deixa de ter a sua feminilidade latente em relação às suas roupas, inclusive em sua maquiagem, sendo um paradoxo de um comportamento masculino em uma roupagem totalmente feminina. Mesmo Miranda possuindo a coloração dos cabelos branca, não deixa de ser feminina, mesmo esse detalhe acentua sua idade, embora demonstrando o quanto a personagem não se importa com os anos que possui. Na realidade, os cabelos brancos de Miranda acabam por reforçar sua singularidade física, além de conferir-lhe a autoridade de ser quem ela quiser ser, afinal, ela dita a moda.

Norma é respeitada pelas outras personagens como uma atriz de renome, e a admiração é motivo que faz com que todos se aproximem dela, seja o mordomo, seu ex-marido, ou mesmo Gillis. Por outro lado, Miranda exerce seu poder em relação a quem





é não em casa, mas em seu trabalho, fazendo seus funcionários viverem consigo uma relação intensa de amor e ódio.

Frisemos, no entanto, que Norma já é uma personagem atípica para a época em que foi composta, não se enquadrando nos padrões de representação da mulher no cinema de sua época, tendo em vista sua idade, seu poder feminino, e comportamentos diversos, como sua loucura, o grande número de casamentos, ou mesmo possuir um macaco de estimação, que representam sua singularidade, como evidencia Cardoso e Freitas Júnior ( 2011 , p. 8):

Filmes dos anos 50 representam o início do rompimento das antigas formas (anos 30 e 40) de dominação do olhar masculino. Tais códigos começam a ruir, mas não desmoronam, pois a produção fílmica dos anos 50 mostra a mulher de uma forma sensual e ingênua ao mesmo tempo, inteligente, mas pouco sagaz. Uma mulher que não tem iniciativa e depende de uma figura masculina que organize sua vida e norteie seus impulsos. Essa mulher da década de 50 está sempre em busca de um homem que possui características em comum, nos filmes de maior sucesso desta década.

Podemos observar que Miranda talvez seja uma Norma atual, elas passam por situações semelhantes, mas divergem em suas decisões, sendo reflexo da sociedade em que viveram. Norma representa uma sociedade em que a independência feminina era algo ainda não firmado, a companhia de um homem era de grande valia, Miranda vem em uma época em que as mulheres têm um papel de construção social muito grande, em que ser independente é um desejo mais constante entre as mulheres e que a qualificação profissional é cada dia mais presente e necessária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito anteriormente, as personagens possuem um grande papel como uma representação social, elas têm a capacidade de representar uma época em que vivem, demonstrando o comportamento de uma geração. O hipercinema demonstra a representação fílmica do período em que estamos, o excesso está presente, e não só isso, a complexidade das narrativas também aumentam.

Podemos ver diante destes dois filmes, *Crepúsculo dos Deuses* e o *Diabo Veste Prada*, as grandes diferenças presentes entre as duas personagens e as épocas em que vivem. Embora ambas as mulheres passem por situações semelhantes, suas formas de



comportamento se distinguem, sendo de acordo com o referencial de mulher da época em que viveram.

O público deseja cada dia mais o exagero na coloração, a quebra da linearidade e os personagens atípicos que representam quem são, não se restringindo a estereótipos. A singularidade de cada personagem está cada vez tal qual uma mais presente uma representação do mundo, no qual cada indivíduo tenta demonstrar tanto fisicamente quanto em seu comportamento a sua singularidade.

Vemos assim, que os personagens do hipercinema nada mais são do que os desejos de unicidade de cada indivíduo, quanto mais atípicos o forem, maior será sua importância, pois o homem comum ou o padrão não é mais valorado e sim o ser único sob o qual nos identificamos. Sendo assim, Miranda é a mulher hipermoderna, na qual o trabalho, sexo, dinheiro entre outros pontos são tratados com grande importância, não se contentando mais com a simplicidade de uma dona de casa e sim como mulher que representa as modificações sociais ocorridas nas últimas décadas e a valorização da mulher neste novo contexto cinematográfico, o hipercinema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela Global: mídias e cinema na era hipermoderna**. Tradução de Paulo Neves. 1º ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MORIN, Edgar. **O Cinema ou O Homem Imaginário**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

REY, Marcos. **O roteirista Profissional: Tv e cinema**. 3º ed. São Paulo: Ática, 1997.

SEGER, Linda. **Como criar personagens Inesquecíveis**. Tradução Marisa Lopes, Maria Silva Junqueira. 1º ed. São Paulo: Bossa Nova, 2006.

## Arquivos Digitais

CARDOSO, Tatiana Cristina; FREITAS JÚNIOR, Edson Ferreira de. Cinema Hollywoodiano: **A imagem da mulher sob o olhar da lente masculina**. In: Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí – Realização Cursos de História, Letras, Direito e Psicologia – ISSN 2178-1281. Disponível em: <<http://congressohistoriajatai.org/2011/anais2011/link%2079.pdf>> Acesso em: 18 de mar de 2012.

MOURA, Andiara Maximiano de. **A construção de personagens femininas em Vozes num divertimento, de Luci Collin**. In: I Encontro do Grupo de Estudos Interdisciplinares de Literatura e Teoria Literária – MÖEBIUS. Disponível em:



<<http://www.ufvjm.edu.br/site/moebius/files/2011/04/Andiara-Moura.pdf>> Acesso em: 08 de out de 2011.

**SUNSET Boulevard.** Produção de Billy Wilder. EUA: Paramount Pictures/ Paramount Pictures, 1950. 1 DVD (110 min).

**THE DEVIL Wears Prada.** Produção de Wendy Finerman. EUA: 20th Century Fox / Peninsula Films, 2006. 1 DVD (109 min).

TRIANA, Bruna Nunes da Costa. **O Espelho do Outro:** o cinema, o espectador e as relações de alteridade na Trilogia das Cores de Krzysztof Kieslowski. Disponível em: <[http://enap2010.files.wordpress.com/2010/03/bruna\\_triana.pdf](http://enap2010.files.wordpress.com/2010/03/bruna_triana.pdf)> Acesso em: 08 de out de 2011.